

No princípio, era o verbal: a gênese do design editorial no jornalismo impresso em Imperatriz (MA)¹

Rhaysa Novakoski CARVALHO²
Yara Medeiros dos SANTOS (orientadora)³
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

No jornalismo contemporâneo, a disposição dos elementos na página tem fundamental importância para a identidade e sobrevivência de uma publicação periódica. Dentro de uma perspectiva histórica, o presente trabalho delinea a gênese da trajetória do design editorial no município de Imperatriz (MA). O estudo se debruça sobre o jornal *O Progresso*, primeiro periódico diário da cidade, que surgiu na década de 1970, quando houve, também, a expansão e consolidação do jornalismo na região. Como resultado da análise, o artigo apresenta as principais características visuais da época, em um contexto local, realizando, ao mesmo tempo, a contextualização do modo que a atividade jornalística era desenvolvida nesse período no município.

PALAVRAS-CHAVE: design editorial; jornalismo impresso; Imperatriz.

1 INTRODUÇÃO

Em tempos de alta especulação sobre o destino dos jornais impressos, teoricamente ameaçados, sobretudo, pelo estabelecimento da internet como fonte instantânea de informação, diversos pesquisadores e especialistas refletem sobre soluções para a sobrevivência de um dos meios de comunicação mais antigos do mundo. Nesse cenário, o design editorial é um dos elementos de configuração e reconfiguração da maneira de comunicar desses veículos, que tendem, nos últimos anos, a usar a apresentação visual como um mecanismo eficiente de atração do público leitor e perpetuação da prática.

Não por acaso, ao observar qualquer jornal impresso, pode-se perceber a presença de elementos não-textuais que contribuem para a recepção e o entendimento da informação. De acordo com uma pesquisa, realizada por Lucia Santaella (1998 *apud* BULAWSKI, 2009), a estimativa é de que 75% da percepção de um ser humano seja visual, comprovando que a comunicação por meio da visão é a principal forma de apreensão da realidade.

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Jornalista, graduada em Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz, e-mail: novakoski.rhaysa@gmail.com.

³ Jornalista, mestre em Geografia e docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus de Imperatriz. Leciona Planejamento Gráfico e Estética e as Mídias, e-mail: santayara@gmail.com.

Dessa maneira, nos últimos anos, a aplicação de técnicas e conceitos das artes gráficas às páginas impressas de veículos de comunicação se tornou necessária para a melhor assimilação do conteúdo noticioso. De acordo com Mota (2007 *apud* DAMASCENO, 2012, p. 22), o design editorial pode ser definido como “uma área de atuação específica do design gráfico que se dedica à elaboração de projetos para publicações – edições como livros, jornais e revistas”. Objetivamente, esses projetos determinam a forma como as notícias e outros elementos gráficos serão apresentados e as características visuais da publicação, determinando, assim, a sua identidade (MOTA, 2007 *apud* DAMASCENO, 2012).

Assim como em diversos lugares do mundo, em Imperatriz, cidade localizada a sudoeste do Maranhão, a aproximação entre o jornalismo impresso e o design editorial não foi um processo simples. Desde o século XX, inovações começaram a aparecer, com enfoque no campo visual dos veículos, mesmo quando o conteúdo importava muito mais do que a forma (QUADROS, 2004). Com o objetivo de fazer o resgate da gênese desse processo evolutivo em um contexto local, este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que delineou a trajetória estética dos periódicos da cidade a partir da década de 1970, período em que houve a expansão e, posteriormente, a consolidação da prática no município.

O presente trabalho apresenta os resultados da pesquisa encontrados durante a análise da década de 1970, momento em que surgem os impressos diários na cidade, inaugurando, dessa maneira, o início da busca por uma identidade visual para essa modalidade de publicação, que, a princípio, tende a valorizar os elementos verbais que a constitui.

Essa década, identificada como a primeira fase do design editorial em Imperatriz, corresponde ao início do desenvolvimento do jornalismo diário na cidade, que dispunha de poucos aparatos tecnológicos. Essa fase é marcada pelo distanciamento acentuado entre os jornalistas e os tipógrafos (que faziam a montagem das páginas) e é caracterizada pela predominância textual e pelo uso escasso de recursos visuais, tendo as linhas como principal elemento no planejamento gráfico. O objeto de estudo é o primeiro diário da cidade, jornal *O Progresso*, nascido como um semanário em maio de 1970, mas que adquiriu circulação diária em setembro de 1979.

Considera-se fundamental para a pesquisa, neste campo, a análise visual dos impressos selecionados, destacando suas características estéticas e históricas. Damasceno e

Gruszynski (2014, p. 124), porém, explicam que “diferentemente de outras perspectivas metodológicas, o campo do design não fornece caminhos nitidamente traçados, métodos de investigação pré-estabelecidos”. Sendo assim, foi preciso buscar a formulação de categorias de análise estética, de acordo com o objetivo da investigação.

Com base nisso, esse artigo apresenta conteúdo oriundo de uma proposição metodológica, que levou em consideração, além de conceitos do design, as características locais das publicações jornalísticas periódicas. A análise aplicada é uma síntese baseada em autores da comunicação visual, e pesquisadores de design editorial em jornalismo, que abordam essa linha de pesquisa com crescente destaque na academia, aliada à investigação das rotinas produtivas do jornal, por intermédio de entrevista em profundidade com funcionários, antigos e atuais, do periódico estudado.

A partir da aplicação da metodologia proposta, a finalidade do estudo é, além de analisar, documentar a trajetória do jornalismo impresso sob a perspectiva visual, fomentando uma memória e ajudando a entender como a atividade se desenvolveu durante esses anos.

2 JORNALISMO E IMAGEM

A forma como as notícias são organizadas na página merece atenção especial, quando se quer ter êxito na comunicação da informação. Pivetti (2006, p. 177) afirma que “a linguagem jornalística compõe-se, na mesma medida, de comunicação visual e verbal”. Dessa maneira, o design da página assume o papel fundamental no estabelecimento do contrato de comunicação entre o público e o periódico.

No trato jornalístico, existem parâmetros que definem o valor dos fatos de acordo com determinadas variantes – critérios de importância e noticiabilidade, valores-notícia (WOLF, 1999). Assim como esses parâmetros indicam o fato que é considerado mais importante noticiar no jornalismo, no design jornalístico “a articulação entre os elementos gráficos procura estabelecer materialmente a correspondência a esses valores do conteúdo noticioso”, ou seja, o design traduz imagetivamente o valor noticioso dos elementos devidamente dispostos ao longo do impresso (DAMASCENO; GRUSZYNSKI, 2014, p. 117).

Apesar de a importância do planejamento editorial gráfico parecer óbvia em um contexto atual, nem sempre foi assim. Desde seu surgimento, o jornalismo impresso sofreu

uma série de modificações resultantes tanto da transformação da sociedade, quanto do aprimoramento tecnológico. Diante de novas realidades, os jornais tiveram que buscar renovações e ressignificações, principalmente no campo visual, para que sobrevivessem aos desafios de um mundo em constante evolução.

As primeiras preocupações com a disposição das notícias na página impressa tiveram início na metade do século XIX, na Europa, quando a atividade jornalística, como conhecemos hoje, passa por um processo de profissionalização. Nesse momento, registra-se o surgimento da logomarca e de significativos investimentos nas capas dos periódicos (MARCONDES FILHO, 2000).

Enquanto diversas mudanças já haviam sido empreendidas em outros lugares do mundo, em território nacional, Quadros (2004) afirma que as primeiras transformações gráficas, em jornais impressos, começam a aparecer somente no final da década de 1940. Apesar de outros veículos, como o jornal *Última Hora* e o *Diário Carioca*, terem realizado pequenas mudanças estéticas no aspecto visual, o *Jornal do Brasil* foi o divisor de águas na forma de apresentação das notícias.

Nas décadas seguintes, os periódicos brasileiros passaram por grandes transformações, possibilitadas, também, pela evolução das tecnologias ligadas ao planejamento visual, à diagramação e à impressão em grande escala (FERREIRA JÚNIOR, 2003). Aliado a isso, com a informatização das redações, Ferreira Júnior (2003) explica que os jornais impressos passaram a se parecer, cada vez mais, com as revistas e a televisão. Já nos últimos anos, “a importância do design para os jornais foi revigorada e impulsionada por quedas de circulação no setor e pela configuração midiática contemporânea, marcada pela presença das tecnologias digitais” (DAMASCENO; GRUSZYNSKI, 2014, p. 109-110).

Apesar da evolução, a diversidade e o aprofundamento em pesquisas sobre design editorial em jornalismo ganharam fôlego somente na última década. Essa perspectiva é ainda mais restrita em Imperatriz, uma vez que a profissionalização do planejamento gráfico no município foi lenta e o trabalho que originou este artigo foi o primeiro estudo da temática realizado na cidade. O recorte desta pesquisa teve como base o trabalho “Imprensa em Imperatriz – MA: uma proposta de periodização dos jornais impressos (1932 – 2010)”, da jornalista e pesquisadora imperatrizense Thays Assunção.

2.1 O impresso em Imperatriz

Em meio a uma recessão econômica ocasionada pela queda do preço da castanha-do-pará no início do século XX, os garimpos de diamantes e cristais passaram a ser a principal atividade econômica na região do Tocantins e Araguaia. Esse cenário fez com que a cidade recebesse um grande número de imigrantes de diferentes localidades de todo o Brasil. Mesmo com uma estrutura física ainda precária, eventos como berlindas e sarais movimentavam a vida cultural dos habitantes (BARROS, 1996). Foi nesse contexto que as primeiras experiências jornalísticas surgiram em Imperatriz, com o aparecimento de jornais manuscritos como *O Alicate* (1932), e, nos próximos anos, de impressos como *A Luz* (1936), *O Astro* (1949) e o *Correio do Tocantins* (1964).

De acordo com a pesquisa de Assunção (2011), tanto a chegada de veículos de comunicação impressos, quanto a preocupação gráfica com a apresentação da página foram tardias na cidade, em relação ao cenário nacional, visto que o município foi fundado em 1852, e os primeiros periódicos locais apareceram somente na década de 1930, mais de 80 anos depois. A expansão desses meios, por sua vez, só pode acontecer após 40 anos de seu aparecimento, a partir da década de 1970, período que compreende o recorte de pesquisa deste trabalho. Com base no levantamento realizado por Assunção (2011), durante a década catalogou-se a existência de apenas um impresso diário em na cidade, o jornal *O Progresso*.

2.1.1 *O Progresso*

O jornal *O Progresso* é o periódico mais antigo do município, fundado em 3 de maio de 1970 pelo empresário José Matos Vieira e pelo advogado e jornalista Jurivê de Macedo (observar figura 01). Inicialmente, a publicação apresentava quatro páginas e tinha circulação semanal. Com o aumento das demandas da redação a montagem manual das páginas não atendia mais às necessidades e à rotina do jornal. Os proprietários compraram, em 1973, máquinas de linotipia usadas, do empresário paraense Rômulo Maiorana, que renovava seu parque gráfico, substituindo o antigo sistema pela impressão em *offset* (FRANKLIN, [2016?]).

Enquanto diversos outros lugares do país, também, aderiam ao *offset* como forma de modernização de suas publicações, *O Progresso* se equipava com um modelo já ultrapassado em muitos lugares do país. Com a chegada da linotipia ao jornal, o processo

totalmente manual de diagramação passou a ser mecânico e os exemplares começaram a ser impressos duas vezes por semana (FRANKLIN, [2016?]). Conforme observado durante a pesquisa de campo, o jornal apresentou logotipos coloridas, em tons de azul, até a edição de 5 de abril de 1973, quando, também, é anunciado, em editorial, a circulação em menor espaço de tempo. A partir dos próximos jornais, é possível notar a mudança tanto da cor, que não aparece por mais alguns anos quanto do posicionamento do logotipo, localizado em diferentes lugares em cada nova edição. A quantidade de páginas durante o período não é fixa, variando entre seis, oito e dez.

Ao longo do tempo, *O Progresso* passou por mudanças tanto gráficas quanto administrativas (ASSUNÇÃO, 2011). Em outubro de 1975, o periódico é vendido e fica sob o comando de Sérgio Antônio Nahuz Godinho. De acordo com Franklin ([2016?]), após dois anos, o jornal é, mais uma vez, vendido. Os novos proprietários, no entanto, não priorizam o negócio, fazendo com que ele voltasse para a posse de Sérgio Antônio Nahuz Godinho, atual dono, em 1978.

Figura 01 – Capa e página 2 da 1ª edição de *O Progresso* (03/05/1970)



Fonte: da própria autora.

Ao contrário do que se encontra nas diversas literaturas que contam a história do impressa em Imperatriz, *O Progresso* não se tornou um diário em 1975. A pesquisa de campo revelou que o jornal passou a circular de terça-feira a domingo somente no dia 1º de setembro de 1979, quando a novidade é informada por meio de um anúncio de página inteira na mesma edição.

Atualmente, o jornal *O Progresso* permanece com circulação diária, com tiragem de, aproximadamente, quatro mil exemplares por dia – segundo o diretor executivo do jornal, Sergio H. Godinho –, em um município com mais de 200 mil habitantes. Por não ter preocupações com diversas variantes, como a concorrência, desde 2012 o veículo não empreendeu mudanças significativas em sua estética, conservando, até hoje, basicamente o mesmo visual adotado na reforma gráfica empreendida no ano de 2013.

3 NO PRINCÍPIO, ERA O VERBAL

A década de 1970 marcou a história da imprensa em Imperatriz por dar início ao desenvolvimento do jornalismo na cidade. Como pontuou Assunção (2011), foi a partir desse período que os impressos, com elementos predominantemente verbais, começaram a ganhar mais força e, posteriormente, a se consolidar como veículos de comunicação com maior relevância no cotidiano da população. De acordo com Franklin (2005), a partir dessa década, Imperatriz se tornou o município mais populoso do estado, depois da capital. Nesse contexto, como forma de corroborar com os autores, o jornal *O Progresso* se tornou o primeiro impresso a circular quase diariamente, de terça-feira a domingo.

Figura 02 – Capa de *O Progresso* (01/09/1979)



Fonte: da própria autora.

Sendo o primeiro exemplar diário do município, a edição de 1º de setembro de 1979 inaugura a análise visual dos jornais, mas sem grandes novidades quanto ao modelo que circulava anteriormente. O periódico já era impresso no sistema de linotipia desde 1973. *O Progresso* exibiu um formato aproximado do germânico francês, com dimensões totais do papel impresso de 46,5 cm por 32 cm. A quantidade de folhas variava entre oito e 12 páginas. O exemplar utilizado nesta análise apresenta oito.

Ao observar a capa do jornal (ver figura 02), pode-se notar a presença de um leiaute simétrico, ou seja, com uma composição estática, na qual os elementos são dispostos proporcionalmente, dando a ideia de equilíbrio (COLLARO, 2000). Nesse modelo gráfico de fácil montagem, as duas fotos existentes foram inseridas em lados opostos, seguindo uma diagonal de um extremo ao outro do papel. A disposição escolhida balanceia o peso que as imagens possuem na página.

Já os títulos e textos, também, seguem uma divisão regular, tendo a manchete principal dividindo a folha ao meio, duas chamadas e o logotipo dispostos acima da primeira foto, e três chamadas inseridas abaixo da segunda imagem. Nessa disposição, esses elementos ocupam a zona privilegiada do olhar do leitor, mostrando a valorização dos títulos e logotipo pelo design, que prezava pela palavra como âncora da página. Seguindo essa lógica clássica, o *grid* é formado por três colunas e abarca textos justificados e títulos e fotos sempre centralizadas, apesar da pouca precisão de milimetragem, ocasionada pela composição mecânica.

O topo é aberto por um título de chamada, mas que, pelo tamanho, não é (ou não parece ser) a principal manchete do dia. Logo abaixo, o texto é disposto em duas colunas, enquanto o título ocupa três. Os dois blocos de escrita são separados por um fio, recurso que se repete em, praticamente, todo o jornal. Essa técnica é citada por Azevedo (2009, p. 93) como característica, sobretudo, da década de 1950 nos jornais brasileiros, sendo utilizada “para separar as colunas, numa tentativa de reforçar o espaço entre colunas, que era geralmente apertado”.

Apesar disso, a pesquisadora destaca que o recurso deixou de ser usado, na maioria dos veículos, até o fim da década de 1960. Um dos veículos precursores das reformas gráficas no país, o *Jornal do Brasil*, teve a chamada “linha entre colunas” retirada após a reformulação empreendida por Amílcar de Castro, em 1956 (FREIRE, 2009). O objetivo foi modernizar a programação visual. Em *O Progresso*, os fios entre colunas duraram até os

últimos meses de 1979, mais de 30 anos depois, conforme observado durante a captação dos jornais.

A logotipo encontra-se logo abaixo da primeira chamada, no lado esquerdo da página. A tipografia é a mesma utilizada desde a primeira edição do jornal. Já o seu posicionamento mudou durante a década, tomando diferentes espaços na página ao longo dos primeiros anos de circulação, indo para uma posição central e ocupando todo o cabeçalho em outros anos, e, no fim dos anos de 1970, voltando para a dinâmica de diferentes lugares da capa.

Como visto na figura, a logotipo do jornal é inserida dentro de um box, delimitado apenas por linhas, juntamente com os outros elementos essenciais para o cabeçalho de um jornal (ano, número, local e data), além da quantidade de páginas e do valor de compra. Nessa posição, o nome do jornal e as informações sobre o exemplar acabam se confundindo com os demais elementos da página, que, nesse caso, parece reunir um amontoado de informações, sem dar maior importância à necessidade identificação imediata do veículo.

Figura 03 – Páginas 3 e 4 de *O Progresso* (01/09/1979)



Fonte: da própria autora.

Ao virar a folha, encontra-se um cabeçalho diferenciado (Figuras 03). No lugar do tradicional topo superior, com o nome do jornal, data e número de página, as informações foram dispostas entre duas linhas verticais do lado esquerdo das páginas. A escolha de subverter a forma tradicional de apresentar esses dados, apesar de interessante, gera estranheza e não se mostra muito prático para o leitor, uma vez que é necessário virar o papel para ler o que está escrito.

Apesar dessas ressalvas, a apresentação visual das notícias é leve. A diagramação busca respiros e os espaços entre colunas é amplo, o que Sousa (2001) afirma dar a sensação de limpeza e luminosidade na página, facilitando e tornando a leitura mais prazerosa. Como pode ser visualizado na figura 03, nas páginas dois e três não é observada a presença de fotografias. Mesmo com a existência da tecnologia que possibilitava a impressão de retratos, essa variável é bem recorrente no miolo de *O Progresso* durante os primeiros anos de circulação, contando com a maior parte do espaço preenchido por textos densos, e muitas das – poucas – imagens que existiam eram ilustrações. Com isso, as linhas se mostraram os principais recursos visuais empregados na diagramação do periódico na sua primeira década.

Em todo o jornal, é possível notar a presença de retas nas quatro extremidades da página, formando uma espécie de moldura do conteúdo e delimitando o que seriam os limites da mancha gráfica. De acordo com Hurlburt (2002), logo após o design se libertar do eixo central, característico da composição simétrica, novos resultados formais foram almeçados com o uso de margens decoradas. No caso de *O Progresso*, que claramente tinha afinidade com esse modelo clássico de arranjo, o quadrado que demarca o conteúdo cumpre o papel de formalizar a diagramação, seguindo os princípios de equilíbrios identificados desde a capa. Além da moldagem da página, as linhas são usadas em diversas outras situações, como na delimitação de boxes de textos e publicidade, no destaque de frases e manchetes, na separação entre colunas, na separação de matérias, entre outras coisas, formando grandes e pequenas caixas de texto.

Quanto ao *grid* das páginas internas, há uma continuidade do padrão em algumas folhas (páginas dois, seis e sete) e a variação do uso de colunas em outras (três, quatro e oito). Os módulos básicos do *grid* são formados por quadrados, permitindo a combinação de diversas imagens e possibilidades de composição, o que resulta na sensação de continuidade da publicação (LUPTON e PHILLIPS, 2008). No caso de *O Progresso*, mesmo seguindo um leiaute rígido, as combinações variam, ultrapassando, em alguns casos, os limites da colunagem, na tentativa de impedir que a diagramação e, conseqüentemente, a leitura se tornem maçantes.

A página cinco da edição analisada é, visualmente, a mais interessante do periódico. Com uma proposta distinta, nesta folha é anunciada a nova periodicidade de *O Progresso*, na qual foi aproveitado o ditado popular “deita e rola” para mudar a orientação da página de retrato para paisagem. A escolha resultou em um efeito de duplo sentido reforçado pela

estética. A utilização do espaço em branco e a colocação da tipografia chamam atenção para a mensagem, quebrando o ritmo tradicional da publicação. Os erros de precisão dos espaçamentos resultavam da forma de editoração da época, que, ainda, era manual.

Nesse sentido, é importante ressaltar que, na primeira década de *O Progresso*, a existência e o desenvolvimento da composição mecânica não excluía a dificuldade de se diagramar um jornal manualmente. De acordo com o jornalista Coriolano Miranda Rocha Filho, que foi paginador do periódico entre o final dos anos de 1970 e o começo de 1980, o processo de produção do jornal era muito cansativo.

Era mais demorado, até porque os repórteres redigiam as matérias e só depois eram repassadas para o linotipista, que era um tipo de digitador. Ele escrevia aquela matéria para passar para o chumbinho, cada bloquinho do chumbinho era uma linha de matéria. Então demorava muito, e a diagramação também era demorada, durava mais de uma hora por página (ROCHA FILHO, 2016).⁴

Coriolano conta que os funcionários passavam a noite montando o jornal, com grande parte desse procedimento envolvendo recorte e colagem das matérias e imagens nas folhas para impressão, tudo era medido e milimetrado. A atenção devia ser redobrada, pois, no mínimo descuido, as chapas de chumbo poderiam se soltar e “amassar” as letras, fazendo com que todo o processo tivesse que ser reiniciado.

Voltado para a análise visual, nas três últimas páginas percebe-se a presença mais significativa de fotografias e ilustrações, principalmente por conta dos espaços publicitários. Na quinta folha do periódico foram inseridos os conteúdos de serviço da edição, com espaço para o horóscopo, matéria sobre preço de gasolina, indicador profissional (os classificados), plantão de farmácias e telefones úteis para a população. Nessa parte, a diagramação é simples e estática, seguindo a lógica de puro ordenamento das informações, como se estivessem em uma tabela. Nas páginas sete e oito, as matérias, inseridas em uma ou duas colunas, dividem espaço com a propaganda, que toma grande parte das páginas. Assim como no restante do jornal, a editoração é realizada baseando-se no *grid* de três colunas e a linha é o recurso gráfico mais utilizado.

Observando os elementos analisados, pode-se afirmar que, de maneira geral, os primeiros passos das publicações diárias de Imperatriz seguem muitas características da fase da imprensa escrita denominada de tipográfica. Segundo a classificação apresentada por Freire (2009), nesse período, que tem início com as primeiras publicações jornalísticas e

⁴ Entrevista concedida por Coriolano Miranda Rocha Filho: em 13 de janeiro de 2016, jornalista.

se estende até a década de 1960, quando se fala do Brasil, os jornais possuíam, entre outras características, poucos recursos visuais (restritos a linhas e floreios gráficos) e, em um primeiro momento, tipografia restrita a poucas famílias de fontes.

Como explica o autor, à semelhança do que foi encontrado em *O Progresso*, “os recursos gráficos na fase tipográfica eram escassos e o texto verbal predominava” (FREIRE, 2009, p. 296). Durante esse período, podem ser observadas pequenas evoluções, mas as mudanças se tornam significativas somente depois da chegada do sistema de impressão em *offset* nas redações, entre os anos de 1960 e de 1970 (FREIRE, 2009). Tais variáveis só começaram a se desenvolver em Imperatriz, com certa dificuldade, cerca de dez anos depois, a partir de meados da década de 1980.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo o jornal como um dispositivo que reúne, além dos acontecimentos noticiáveis de uma região, uma vasta gama de influências culturais, sociais, ideológicas e tecnológicas, as páginas do jornal *O Progresso* da década de 1970 puderam revelar, por meio da forma como eram organizadas esteticamente, grande parte dessas configurações e como as relações entre elas e os veículos estudados se deram durante esse espaço de tempo.

Conforme foi identificado anteriormente, por ser um município de interior, Imperatriz não esteve, durante um bom tempo, no enalço das revoluções gráficas e transformações estéticas dos jornais de referência do país. Com base em autores como Azevedo (2009), Freire (2007) e Sousa (2001), que esmiuçaram o percurso visual-gráfico de grandes jornais brasileiros, e entendendo as particularidades de cada local no desenvolvimento de sua própria história, a análise aponta um descompasso temporal de cerca de dez anos em relação às mesmas mudanças empreendidas a nível nacional.

A exemplo do que foi discutido, os primórdios do jornalismo diário do município ocorreram quase um século após o surgimento da cidade, o que pode ser justificado pelo aquecimento econômico e acionado somente depois da descoberta da Serra Pelada e da criação da rodovia federal BR 010, quase cem anos após a fundação do município. O começo da trajetória delimitada, correspondente à primeira era do design editorial de Imperatriz, mostra uma apresentação simples e predominantemente verbal, mas com conteúdo voltado para o cotidiano da região e do estado. A linotipia, que já estava ultrapassada há alguns anos, na maior parte do território nacional, foi a grande novidade de

impressão implementada nos anos de 1970. Por ter se passado há mais de 40 anos, a primeira década de análise apresentou poucas fontes de pesquisas, principalmente pessoais (muitas não estão na cidade, estão muito idosas ou já faleceram), tendo os próprios jornais como parâmetro fundamental para a identificação de como se comportou o design editorial nesse período, e poucos relatos a respeito das rotinas produtivas.

As linhas e os espaços em branco são elementos gráficos muito valorizados nesse primeiro momento, colocando o componente verbal em perspectiva privilegiada e valorizando a produção jornalística em seu caráter mais celular: o textual. Essa configuração se dá, até mesmo, pela falta de tecnologias que possibilitassem a captação e revelação facilitada de imagens e de um sistema ágil de impressão. Cenário esse, que foi revertido, em parte, somente nos próximos anos, conforme a continuidade da pesquisa constatou.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Thays Silva. **Imprensa em Imperatriz – MA: uma proposta de periodização dos jornais impressos (1932 – 2010)**. 2011. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Imperatriz, 2011.
- AZEVEDO, Dúnya. A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais brasileiros. **Revista Mediação**. Belo Horizonte, MG. v. 9, n. 9, p. 81-97, julho/dezembro de 2009.
- BARROS, Edelvira Marques de Moraes. **Imperatriz: Memória e Registro**. Imperatriz: Ética, 1996.
- BULAWSKI, Fabiane Maldaner. **Jornalismo visual e infografia: uma análise das revistas de informação Veja, Época, IstoÉ e Carta Capital**. 2009. 143 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRG), Porto Alegre, 2009.
- COLLARO, Antônio Celso. **Projeto gráfico: Teoria e prática da diagramação**. São Paulo: Summus, 2000.
- DAMASCENO, Patrícia Lopes. **O design editorial da cultura: um estudo do projeto gráfico do Segundo Caderno do jornal Zero Hora**. 2012. 306f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). Porto Alegre, 2012.
- DAMASCENO, Patrícia Lopes; GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. Design de jornais – processos, rotinas e produto: um estudo do Segundo Caderno, suplemento cultural do Zero Hora. **Brazilian Journalism Research**. Brasília, DF. v. 10, n. 1, p. 108-127, 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/99086/000921317.pdf?sequence=1>>.
- FERREIRA JUNIOR, José. **Capas de Jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico visual**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

FRANKLIN, Adalberto. **Breve História de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2005.

FREIRE, Eduardo Nunes. O *design* no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.291-310, dez. 2009.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. Jornal Impresso: Produto editorial gráfico em transformação. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33, 2010. Caxias do Sul. **Comunicação, Cultura e Juventude**. Caxias do Sul: Intercom, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0125-1.pdf>.

HURLBURT, Allen. **Layout**: o design da página impressa. São Paulo: Nobel, 2002.

LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. **Novos fundamentos do design**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A Saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.

PIVETTI, Michaella. **Planejamento e Produção Gráfica no Impresso**: a linguagem jornalística e a experiência nacional. 2006. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2006.

ROCHA FILHO, Coriolano. **Coriolano Rocha Filho**: depoimento [jan. 2016]. Entrevistadora: Rhaysa Novakoski Carvalho. Imperatriz, 2016.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto: Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 2001. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-estereotipizacao-discurso-fotojornalístico.pdf>>.

QUADROS, Itanel. Uma introdução ao jornalismo visual ou à tessitura gráfica da notícia. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27, 2004. Porto Alegre. **Comunicação, Acontecimento e Memória**. Porto Alegre: Intercom, 2004. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/resumos/R1399-1.pdf>>.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 5. ed. Lisboa: Editora Presença, 1999.